



Viagem ao Fim do Mundo



cinemateca
2025/2027

VIAGEM AO FIM DO MUDO

Muito em breve, o cinema sonoro será centenário: em outubro de 2027, assinalam--se os cem anos de THE JAZZ SINGER, a primeira longa-metragem de ficção com som sincronizado. Começava a era dos "talkies", que rapidamente se tornaram a norma da produção cinematográfica. Foi um momento traumático para toda uma geração de cineastas, atores e, mesmo, espectadores, criados e formados no cinema como "arte do silêncio". Está hoje perdido na nuvem do tempo e nos documentos da imprensa da época, mas o debate foi intenso, e nalguns casos o desgosto também – no princípio dos anos 30 ainda havia quem acreditasse (ou desejasse) que os "talkies" fossem apenas uma "moda", e que em breve o cinema voltaria à sua silenciosa condição "natural". Outros, com maior ou menor entusiasmo, perceberam imediatamente que se tratava de um ponto de não retorno, e que doravante o cinema seria assim, falado e sonorizado, e profundamente transformado quer no modo da sua feitura quer no modo da sua fruição.

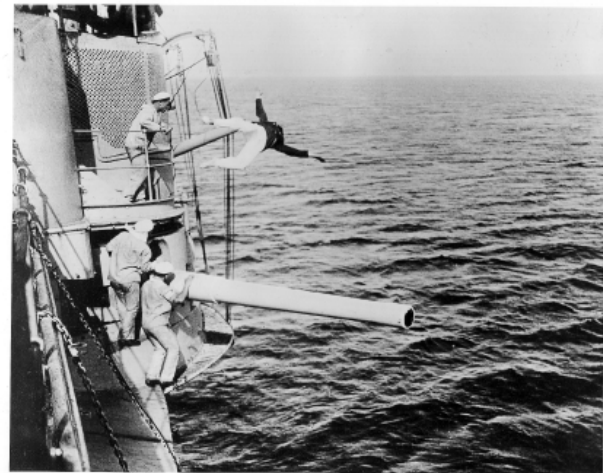
O cinema mudo não morreu em 1927, sabemos bem como até ao fim da década ainda se estrearam filmes sem som (e muitos objetos "híbridos"), e como em certas partes do mundo a produção corrente não aderiu em massa à novidade técnica, continuando a produzir filmes mudos durante a primeira metade da década de 1930, sem falar dos casos

de obstinação e teimosia, como o de Chaplin, que em 1936 ainda estreava filmes (MODERN TIMES) em que a ausência de diálogo e som síncrono correspondia um a gesto deliberado. Mas, simbolicamente, é claro que o cinema mudo – a era do cinema mudo – chegou ao fim em 1927, e que a estreia do primeiro "talkie" representou a certidão de um óbito anunciado. Muito em breve, portanto, todo o cinema mudo terá mais de cem anos.

É uma fronteira simbólica demasiado forte para não ser assinalada. Para um observador situado nos anos 1960, metade da história do cinema era, grosso modo, muda; para um observador situado nos nossos dias, a proporção é completamente diferente: a época muda corresponde a um quinto da história do cinema. É a esse quinto que este ciclo se dedica. Sempre evitámos, nesta Cinemateca, tornar o cinema mudo num "tema" por si próprio, e procurámos mostrá-lo em articulação natural com o restante património cinematográfico. E claro que o continuaremos a fazer. Mas, ao mesmo tempo, porque não olhar para o cinema mudo justamente a partir dessa condição, e das condições de uma época que chegou abruptamente ao fim há perto de cem anos? Porque não olhar para o espetáculo do cinema mudo com atenção a tudo o que há de intrínseco, específico e irrepetível nesse espetáculo?



É, resumidamente, o que este ciclo se propõe fazer, como rubrica regular de programação. Até ao final de 2027, três sessões por mês. Grandes clássicos e filmes recuperados do esquecimento – porque, e isto importa ser dito, a época muda ainda é hoje um campo de trabalho ativíssimo no domínio da “arqueologia” do cinema, e do trabalho de recomposição e restauro, que periodicamente traz, por paradoxal que pareça, “novidades”, e a redescoberta de filmes que ninguém via há mais de cem anos. Uma viagem ao fim do mundo, ou à doçura dos dias antes da revolução sonora: esta é a proposta.



Luís Miguel Oliveira

OS PIANISTAS

Daniel Schvetz Compositor e pianista luso-argentino, professor de Composição e Análise Musical no Conservatório Nacional e na Metropolitana, colaborador do CESEM da NOVA FCSH. Divulgador, arranjador e intérprete do repertório latino-americano tanguero; conferencista e analista do repertório musical erudito dos séculos XX e XXI, com ensaios críticos sobre a obra de Bartók, Ligeti e Bill Evans. Compôs três óperas, concertos para instrumentos solistas e orquestra, obras corais e de câmara, ciclos de canções baseadas em poetas como Lorca, Pessoa, Borges, Vallejo, Camões e Natália Correia. Colaborou com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a OML, o Coro Lisboa Cantat, Camané, Ricardo Ribeiro, Mísia, João Barradas, Sérgio Carolino e o Remix Ensemble. É pianista residente na Cinemateca Portuguesa desde 1999.

Filipe Raposo Iniciou os seus estudos pianísticos no Conservatório Nacional de Lisboa. Tem o mestrado em Piano Jazz Performance pelo Kungl. Musikhögskolan i Stockholm (Royal College of Music) e foi bolseiro da Royal Music Academy of Stockholm. É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa. Como pianista, compositor e orquestrador tem colaborado com inúmeras orquestras internacionais, apresentando-se em importantes salas como Sala de São Paulo, Bozar, Ópera de Rouen, Fundação Gulbenkian, CCB. Em 2025, foi premiado no Festival de Cinema de Málaga pela composição original do filme *Lo Que Queda de Ti* de Gala Gracia. Desde 2004 que colabora com a Cinemateca Portuguesa como pianista residente no acompanhamento de filmes mudos. A convite da Cinemateca Portuguesa compôs e gravou a banda sonora para as edições em DVD de filmes portugueses de cinema mudo: *Lisboa*, *Crónica Anedótica de Leitão de Barros*, tendo ganho uma Menção Honrosa no Festival Il Cinema Ritrovato em Bolonha, *O Táxi* n.º 9297 de Reinaldo Ferreira, *Frei Bonifácio* e *Barbanegra* de Georges Pallu, *Nazaré*, *Praia de Pescadores de Leitão de Barros*.

João Paulo Esteves da Silva Compositor-pianista associado ao *jazz* e à música criativa improvisada, desempenhou também um papel de relevo na música popular portuguesa e foi concertista numa fase inicial da sua carreira. A sua discografia em nome próprio denota cerca de três fases distintas do seu percurso criativo: uma primeira, em que se destacou como um dos pioneiros e principais compositores do chamado *jazz* português; uma segunda, em que se aproxima do *jazz* de vanguarda; e uma terceira, em curso, de orientação mais europeia. Ao longo dos anos, a escrita de canções tem também ocupado uma parte significativa da sua produção. Tem, além disso, explorado ligações da música com outras artes, como o cinema, a fotografia ou o teatro, sendo ainda tradutor e poeta, com vários livros publicados.



SETEMBRO '25



► Segunda-feira [01] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE WIND

O Vento

de Victor Sjöström

com Lillian Gish, Lars Hanson

Estados Unidos, 1928 – 95 min / mudo | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

THE WIND talvez seja a obra-prima absoluta do grande Victor Sjöström. Este mestre da paisagem no cinema troca as extensões geladas dos seus filmes suecos pela aridez de um deserto americano. Um filme mudo que nos faz “ouvir” o assobio ameaçador do vento, que sopra com violência em volta de uma casa no deserto, onde uma mulher tem de lutar também contra a paixão desenfreada de um homem. Sjöström constrói uma atmosfera de pesadelo com base apenas na sugestão. Um dos pontos altos do cinema mudo, reforçado pela presença inesquecível de Lillian Gish.

► Sexta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BRONENOSETS POTIOMKINE

O Couraçado Potemkine

de Sergei M. Eisenstein

com Aleksander Antonov, Grigori Alexandrov, Vladimir Barsky

URSS, 1925 – 71 min/mudo, com intertítulos em russo, traduzidos em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Na primeira metade dos anos 1920, a União Soviética conheceu um extraordinário florescimento artístico, em todos os domínios, com obras duplamente de vanguarda: do ponto de vista formal e do ponto de vista político. O COURAÇADO POTEMKINE é, sem dúvida, a mais célebre destas obras. Pondo em prática as suas teorias sobre a montagem, elemento fundamental em todo o cinema de vanguarda, Eisenstein fez deste filme de encomenda sobre a Revolução de 1905 um momento absolutamente eletrizante, com a mais célebre sequência da História do cinema: o massacre na escadaria de Odessa.





questão económico-social em causa, aproximando-se de um aspecto simbólico, representado pela perda do uniforme pelo porteiro (a criação maior de Emil Jannings), assim reduzido a ser o “último dos homens”. Nas cópias originais, que os restauros respeitam, um epílogo em *happy-end* dá uma reviravolta ao sombrio final.

▶ Sexta-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DER LETZTE MANN

O Último dos Homens

de Friedrich Wilhelm Murnau

com Emil Jannings, Maly Delschaft,

Emilie Kurtz, Max Hiller, Georg John

Alemanha, 1924 – 100 min / mudo, sem intertítulos | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Referência incontornável do *Kammerspiel*, a corrente “realista” do cinema mudo alemão, cujo principal teórico foi o argumentista Carl Mayer, o filme de Murnau é uma obra-prima absoluta, na qual confluem registos de carácter distinto, luz e sombras expressionistas, um brilhante exercício de cinema como o famoso plano-sequência inicial, a imagem recorrente de uma porta giratória que convoca a ideia da própria vida. Construído à volta do acontecimento banal da substituição do velho porteiro de um grande hotel remetido a responsável pelos lavabos, de acordo com os postulados do “cinema de câmara” – sem intertítulos, especialmente concentrado –, o filme transcende a dimensão realista da



OUTUBRO '25

S

egunda etapa desta Viagem, nova rubrica regular da Cinemateca que decorrerá até 2027 (data em que se assinalam os cem anos de THE JAZZ SINGER, a primeira longa-metragem de ficção com som sincronizado) com uma proposta de três sessões por mês.

► Quinta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TAKOVÝ JE ŽIVOT

Assim é a Vida

de Carl Junghans

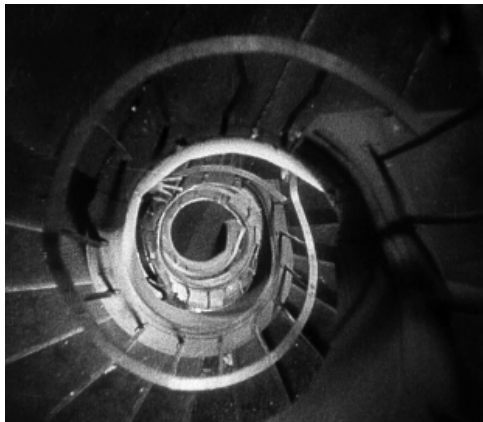
com Vera Baranovskaia, Theodor Pistek, Valeska Gert

Checoslováquia, 1929 – 82 min / mudo, intertítulos em alemão legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Bela e rara produção checa, realizada pelo alemão Carl Junghans. A obra tem alguma semelhança com os filmes “de câmara” (*Kammerspiel*) alemães do período, embora a maioria dos críticos da época tenha louvado o realismo da obra. No papel principal, o de uma velha lavadeira, Vera Baranovskaia, imortalizada em *A MÃE*, de Pudovkine. Um filme que se situa entre o que de melhor se fez no período na Europa, no qual o realizador “é capaz de transfigurar uma imagem banal num momento de poesia” (Manuel Cintra Ferreira), o que é uma das características do bom cinema mudo.





▶ Quinta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SEVENTH HEAVEN

A Hora Suprema

de Frank Borzage

com Janet Gaynor, Charles Farrell,

Ben Bard, Albert Gran, David Butler

Estados Unidos, 1927 – 110 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

O mais famoso dos melodramas dirigidos por Frank Borzage, onde Janet Gaynor tem uma sublime composição, formando um par com Charles Farrell que se tornou popularíssimo. "America's lovebirds" chamaram-lhes. SEVENTH HEAVEN é uma história de amor entre dois seres que enfrentam a adversidade e a guerra para voltarem a estar juntos, num dos finais mais "delirantes" da História do cinema.

▶ Terça-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE KID

O Garoto de Charlot

de Charles Chaplin

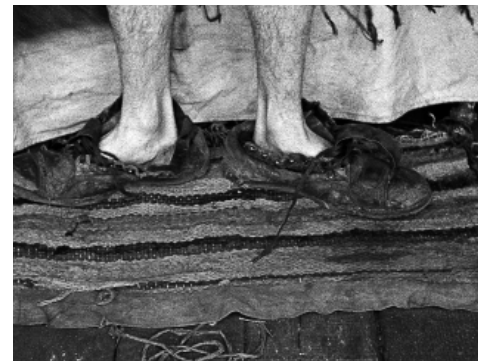
com Charles Chaplin, Jackie Coogan, Edna Purviance, Charles Reisner, Lita Grey

Estados Unidos, 1921 – 68 min / mudo com intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/6

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Primeira longa-metragem de Chaplin após as centenas de títulos de formato curto que o popularizaram, mistura de burlesco e *pathos* (o sonho do paraíso, a criança abandonada), THE KID é um filme prodigioso, e hoje uma obra-prima da História do cinema. No papel do Vagabundo, Chaplin cuida da personagem do Garoto (que revelou Jackie Coogan lançando a moda dos "meninos-prodígios"), que toma por órfão e com quem estabelece uma ligação de compaixão e companheirismo na liberdade do sonho e das ruas da cidade. "Um filme com um sorriso – e, talvez, uma lágrima."

A apresentar em cópia digital.



NOVEMBRO '25

Terceira e nova etapa desta Viagem, recém-criada “rubrica regular” da Cinemateca (porque decorrerá até 2027, data em que se assinalam os cem anos de THE JAZZ SINGER, a primeira longa-metragem de ficção com som sincronizado), com uma proposta de três sessões por mês.

► Sexta-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FOOLISH WIVES

Esposas Levianas

de Erich von Stroheim

com Erich von Stroheim, Rudolph Christians, Mae Busch

Estados Unidos, 1922 – 157 min / mudo, intertítulos em inglês e legendas eletrônicas em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Uma das obras-primas do cinema mudo, onde Stroheim não se poupou a esforços para transmitir a visão realista que pretendia, chegando a construir em estúdio uma réplica do casino de Monte Carlo quase do tamanho do original. É uma história de sedução, chantagem e crime, tendo por personagens a aristocracia europeia decadente e a alta burguesia americana. Prefigurando os problemas que viria a ter com GREED, Stroheim viu o estúdio tirar-lhe o controlo da montagem. A versão de estreia, em 1922, tinha perto de três horas, mas a relativamente fraca bilheteira levou a Universal a uma remontagem ainda durante a carreira comercial do



filme. Essa segunda versão de estreia, com perto de 1h40 de duração, foi a base das cópias de FOOLISH WIVES que se viram durante décadas, com a anuência do próprio Stroheim, que julgava perdida qualquer outra versão. O que vamos apresentar nesta sessão, pela primeira vez em Portugal, é uma reconstrução recentemente estreada (em 2020), fruto de uma colaboração entre o MOMA e o laboratório L'Imagine Ritrovata (Bolonha), feita a partir de cópias sobreviventes, e entretanto encontradas, da primeira versão de estreia, na maior aproximação possível ao que só os primeiros espectadores do filme, há 103 anos, puderam ver.

Filme restaurado pelo The Museum of Modern Art e o San Francisco Silent Film Festival, com o apoio de Ira Resnick, Cineteca di Bologna, National Film Archive of Monaco, Sunrise Foundation for Education and the Arts, Rick Anderson, John e Susan Sinnott, e apoiantes do San Francisco Silent Film Festival Film Preservation Fund.



► Sexta-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GÖSTA BERLINGS SAGA

A Lenda de Gösta Berling

de Mauritz Stiller

com Greta Garbo, Lars Hanson

Suécia, 1924 - 180 min / mudo, intertítulos em sueco legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

O filme que revelou uma jovem vedeta: Greta Garbo. Baseado num romance de Selma Lagerlöff situado no início do século XIX, o filme conta a história de um pastor protestante que abandona a igreja e, depois de muitas peripécias, casa-se com a prima da mulher que ama. Mauritz Stiller, um dos raros mestres consagrados do cinema, com Friederich Murnau, a ter trabalhado unicamente no período mudo, fez um verdadeiro fresco, que contém momentos de antologia como o da perseguição dos lobos ao trenó ou o incêndio de uma mansão. Este filme valeu a Stiller um contrato para Hollywood e ele exigiu levar Garbo na sua "bagagem". Ironicamente, o grande realizador fracassaria em Hollywood, ao passo que a sua protegida tornar-se-ia numa estrela e num mito. Durante décadas, o filme foi visto numa versão reduzida, com pouco mais de uma hora. Hoje, é possível vê-lo num restauro que o aproxima da versão original, com o triplo da duração.



► Sábado [22] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WINGS

Asas

de William A. Wellman

com Clara Bow, Charles "Buddy" Rogers,
Richard Arlen, Jobyna Ralston, Gary Cooper

Estados Unidos, 1927 – 138 min / mudo, intertítulos em inglês legendados
eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

A obra-prima que descolou o subgénero "filme de aviação" à guerra e ao melodrama, à qual "Wild" Bill Wellman se entregou de corpo e alma, num trabalho tão pessoal como arriscado, de todos os pontos de vista, foi-lhe entregue pela Paramount dada a experiência de aviador-combatente na frente da Primeira Guerra. Do ano em que o cinema começou a ser falado, é um dos grandes mudos, de que também houve versão sonorizada (em 1929, com efeitos sonoros e uma banda musical da Movietone), um épico de espetacular realismo que explora o papel do avião como arma de guerra, em que as batalhas aéreas atingem píncaros de coreografia cinematográfica (com câmaras no ar e atores aos comandos) e a experimentação tecnológica e artística é incessante. A história celebra o amor e a fraternidade, pondo a brilhar a (It) estrela Clara Bow ao lado de Buddy Rogers e Richard Arlen, em papéis de rivais tornados amigos. E revelando a cintilação futura de Gary Cooper. Primeiro melhor filme do ano da Academia de Hollywood (entregue ao produtor), também distinguido pelos efeitos especiais (sem menção ao realizador que nem convite recebeu para a cerimónia). E de tão grande popularidade que eclipsou, na época, os custos

concretos da grandeza da produção (em número de aviões, câmaras, atores e figurantes, meses de rodagem, entre demais acidentadas variáveis). As histórias de bastidores são imbatíveis, a influência na História do cinema, um caso sério. A apresentar em digital, o filme integra também o Ciclo "O Trilho do Gato – William A. Wellman".



DEZEMBRO '25

Na Viagem ao Fim do Mundo de Dezembro visitamos três polos cruciais do cinema dos anos 20. Dos estúdios soviéticos, um dos mais fragorosos exemplos do cinema da Revolução, MAT, de Vsevolod Pudovkin. Foi também um filme famosíssimo e celebrado durante décadas até ter caído um pouco no esquecimento, como aliás sucedeu a Pudovkin, que hoje é moeda muito menos corrente do que já foi – redescobri-lo é, portanto, imperativo. No mesmo ano, em Hollywood, um emigrado alemão, Ernst Lubitsch, encenava a sua alma gémea, Oscar Wilde, com todo luxo e todos os recursos da grande produção hollywoodiana: LADY WINDERMERE'S FAN deve ser a melhor adaptação cinematográfica do *espírito* de Wilde, para além de ser um dos mais divertidos e inventivos filmes alguma vez feitos. O terceiro filme leva-nos aos estúdios londrinos onde o jovem Hitchcock começava a esculpir a fama que o tornaria no mais célebre realizador de todos os tempos. THE RING, filme “de juventude” que como toda a obra muda de Hitch vive na sombra de THE LODGER, é porventura ainda mais “hitchcockiano” do que esse e, como muitos consideraram (Truffaut, por exemplo), o momento em que a arquitectura visual do cineasta se começa a revelar, num esplendor que anuncia futuros esplendores.

▶ Sexta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE RING

de Alfred Hitchcock

com Carl Brisson, Lillian Hall-Davis, Ian Hunter

Reino Unido, 1927 – 108 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Quarta longa-metragem realizada pelo jovem Alfred Hitchcock (no mesmo ano da sua primeira obra-prima, THE LODGER), THE RING é tido como o seu primeiro filme totalmente pessoal. Com um argumento escrito de raiz por ele próprio, inspirado no mundo dos combates de boxe a que costumava assistir em Londres, e concentrado num triângulo (dois pugilistas e uma rapariga) de relações ambíguíssimas, por ele perpassam muitas sombras temáticas a que Hitchcock voltaria recorrentemente, como a culpa, circular como um anel (como um “ring”: o título designa tanto o anel como o palco do boxe), e que encontra nessa imagem do anel o “leitmotiv” em torno do qual tudo gira. A invenção visual do filme e a ligação dessa invenção com as proezas técnicas são plenamente hitchcockianas.

► Segunda-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MAT

A Mãe

de Vsevolod Pudovkine

com Vera Baranovskaia, Nikolai Batalov, Anna Zemcova

URSS, 1925 – 87 min

mudo, intertítulos em russo, legendados em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Pertencendo à extraordinária primeira geração do cinema soviético (com Eisenstein, Vertov, Dovjenco, Kulechov), Vsevolod Pudovkine será lembrado para sempre por três filmes realizados nos anos vinte: *A MÃE*, *O FIM DE SÃO PETERSBURGO* e *TEMPESTADE NA ÁSIA*. Baseado em Gorki, realizado num estilo menos vanguardista do que o de Eisenstein, *A MÃE* é a história de uma tomada de consciência política. Um jovem operário revolucionário é preso e a mãe acaba por se unir à luta do filho. O desempenho excepcional de Vera Baranovskaia no papel principal é um dos trunfos do filme e continua a entusiasmar os espectadores. Um dos raros filmes soviéticos à época distribuídos em Portugal, embora com muitos cortes.



► Terça-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LADY WINDERMERE'S FAN

O Leque de Lady Margarida

de Ernst Lubitsch

com May McAvoy, Irene Rich, Ronald Colman, Bert Lytell

Estados Unidos, 1925 – 100 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Um dos pontos culminantes dos anos vinte da obra americana de Lubitsch, *LADY WINDERMERE'S FAN* também é importante por marcar o encontro de duas almas, se não gémeas, pelo menos muito semelhantes: Oscar Wilde e Ernst Lubitsch, próximos no humor, na elegância, na discussão aberta (embora polida e indireta) do sexo. Lubitsch adaptou a peça de Wilde sem nada perder do espírito, mas não guardando nem um só dos seus inúmeros e divertidos epigramas. O uso do espaço neste filme em nada é inferior ao que Lubitsch faria de mais prodigioso no período sonoro.

JANEIRO '26

Um figurino um pouco diferente para o “episódio” de Janeiro desta Viagem ao Fim do Mudo. Uma intersecção com o ciclo William Wellman (BEGGARS OF LIFE), e a companhia, para o TARTÜFF de Murnau (filme cujo essencial se passa num “filme no filme”, projetado perante as personagens), de um curto “manifesto” de Jonas Mekas, que proclama o renascimento do cinema a cada vez que se liga um projeto e uma projeção acontece. O terceiro filme é o soberbo THE BIG PARADE, obra-prima de King Vidor e da vaga de melodramas bélicos suscitada pela I Guerra Mundial.

► Sábado [3] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BEGGARS OF LIFE

Mendigos da Vida

de William A. Wellman

com Wallace Beery, Louise Brooks,

Richard Arlen, Edgar Blue Washington

Estados Unidos, 1928 - 82 min

mudo, com intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/14

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Num dos papéis da sua vida, com aventura, violência e lirismo, Louise Brooks é uma rapariga órfã abusada pelo padrasto, que mata em legítima defesa quando ele tenta violá-la, num ato testemunhado por um vagabundo (Richard Arlen),

com quem foge num comboio de mercadorias disfarçada de rapaz. Não escapa à brutalidade sexual masculina quando pernoitam num acampamento dominado pela luta pelo poder de dois vagabundos, embora a liberdade e o amor acabem por triunfar. Foi o filme em que Wellman, aqui realizador-produtor, experimentou o “microfone com perche”, para rodar as cenas faladas (como Dorothy Arzner em WILD PARTY), e outros achados, em que se destaca o dramático início. David O. Selznick, que visitou a rodagem, testemunhou que foi o filme do primeiro plano-sequência e da primeira cena dialogada gravada em direto da Paramount. Boa parte da filmagem realizou-se perto da fronteira do México, com não-atores em papéis secundários. Terá sido o motivo do fascínio que Brooks exerceu nos surrealistas, três anos depois de se ter iniciado na Paramount e no mesmo ano do também fulgurante A GIRL IN EVERY PORT de Hawks. Presentemente existe apenas a versão muda deste filme de que também existiu versão parcialmente falada com uma banda musical e efeitos sonoros síncronos. A sessão integra igualmente o ciclo “O Trilho do Gato – William A. Wellman”. A apresentar em 35 mm.

▶ Sexta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TARTÜFF

Tartufo

de F.W. Murnau

com Emil Jannings, Werner Krauss, Lil Dagover

Alemanha, 1925 – 84 min

mudo, intertítulos em alemão legendados eletronicamente em português

CINEMA IS NOT 100 YEARS OLD

de Jonas Mekas

Estados Unidos, 1996 – 4 min

legendado eletronicamente em português | M/12

duração total da projeção: 88 minutos

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

A peça de Molière serve de revelador da tendência hipnótica das figuras oportunistas e hipócritas e é muito claramente um aviso com bastante de premonitório, se pensarmos no lugar e no tempo em que foi feito (os terríveis anos vinte da Alemanha de Weimar. O filme decorre nos tempos modernos (o da rodagem) e conta as manobras de um hipócrita que a representação da peça no palco denuncia. O método de Murnau não foi compreendido e TARTÜFF foi um inesperado fracasso na sua carreira. Hoje é unanimemente reconhecido como um filme genial. O curto filme de Jonas Mekas, típico da fase final do seu trabalho, é um pequeno manifesto, muito pessoal e muito provocador: o cinema não é velho, o cinema nasce todos os dias, sempre que há um projector ligado. A sessão integra igualmente o ciclo "Uma Cinemateca em Chamas - histórias de projeção e projecionistas". TARTÜFF é exibido em cópia 16mm.



▶ Quinta-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE BIG PARADE

A Grande Parada

de King Vidor

com John Gilbert, Renée Adorée, Hobart Bosworth,
Claire McDowell, Karl Dane

Estados Unidos, 1925 – 125 min

mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Um dos mais famosos filmes americanos mudos, e também um dos maiores êxitos de bilheteira do seu tempo. Mais do que um filme de guerra antibelicista, THE BIG PARADE é uma história de amor e paixão, que se desenvolve de forma quase irracional, começando em tom de comédia (o encontro do soldado americano com a jovem francesa; a lição do beijo) para se encaminhar para o filme de ação (as notáveis cenas de batalha) e culminar no mais puro melodrama. A exibir em cópia 35mm.

FEVEREIRO '26

Em fevereiro seguimos viagem, e o itinerário leva-nos a um capítulo cheio de imperdíveis. Na ausência da palavra, o corpo assume o protagonismo. Seja enquanto representação do grotesco no UNKNOWN de Tod Browning, nos avassaladores grandes planos de rostos dessa obra-prima que é LA PASSION DE JEANNE D'ARC, de Carl Th. Dreyer, ou no corpo-máquina capaz das maiores proezas físicas meticulosamente coreografadas em THE GENERAL, de Buster Keaton, estes filmes demonstram como o cinema mudo atingiu um notável grau de sofisticação formal, elevando o corpo humano ao centro absoluto da encenação e da emoção, entre o espetáculo e a verdade. Difícil será não estar presente.

► Sexta-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE UNKNOWN

O Homem sem Braços

de Tod Browning

com Lon Chaney, Joan Crawford, Norman Kerry

Estados Unidos, 1927 – 66 min / mudo, com intertítulos em inglês legendados em português | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Um dos mais bizarros filmes do “príncipe do bizarro” que foi Tod Browning, THE UNKNOWN é ambientado num circo, como a mais célebre obra-prima do realizador, FREAKS. A história, de obstinação e vingança, é a mais perversa que se possa imaginar: um homem que finge não ter braços, para fazer o seu número no circo, descobre que a vedeta do circo tem medo dos braços masculinos, amputando deliberadamente os seus no momento em que ela vence a fobia e casa com outro. Título essencial da associação Tod Browning / Lon Chaney, foi o filme que levou Joan Crawford a dizer que nunca como aqui, junto de Lon Chaney, aprendeu tanto sobre a arte de representar.

▶ Sexta-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA PASSION DE JEANNE D'ARC

A Paixão de Joana d'Arc

de Carl Th. Dreyer

com Renée Falconetti, Antonin Artaud, Michel Simon

França, 1928 - 107 min / mudo, com intertítulos em norueguês,
legendados em português | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

Com LA PASSION DE JEANNE D'ARC, Dreyer leva a estética do grande plano ao seu momento mais sublime. Tudo decorre durante o processo que condena Joana à fogueira, com Dreyer opondo o seu rosto humilde e iluminado a uma assombrosa galeria de rostos, onde a mais pequena expressão está carregada de sentido. Um dos grandes clássicos da História do cinema e o mais belo filme sobre Joana d'Arc, com uma intérprete de eleição: Falconetti. Um filme mudo que se ouve no seu silêncio.



LA PASSION DE JEANNE D'ARC

▶ Sábado [21] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE GENERAL

Pamplinas Maquinista

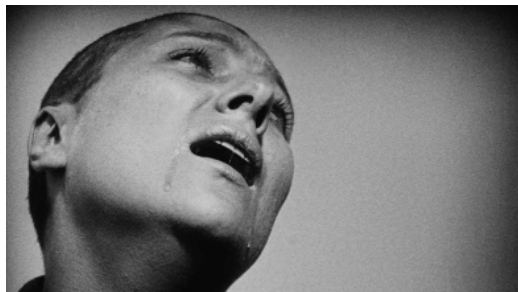
de Buster Keaton e Clyde Bruckman

com Buster Keaton, Joe Keaton, Charles Smith

Estados Unidos, 1927 - 79 min / mudo, com intertítulos em inglês legendados
eletronicamente em português | M/6

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Os grandes burlescos perceberam cedo que a sofisticação dos seus *gags* exigia o respeito pela continuidade temporal. No cinema de Keaton, que a esse sentido do desenvolvimento temporal do gag aliava o gosto da proeza física "sem batota", o tempo da ação e o tempo do plano tendem a coincidir. THE GENERAL abunda em exemplos disso, nalgumas das mais elaboradas coreografias cômicas da história do cinema.



MARÇO

M

ais três paragens fundamentais da nossa viagem ao fim do mudo. O mais célebre dos filmes mudos de Josef von Sternberg, **THE LAST COMMAND**, que também foi o ponto alto da breve passagem de Emil Jannings por Hollywood (e numa personagem com alguns pontos de contacto com a que interpretou para Murnau em **DER LETZTE MANN**, que já vimos neste ciclo); **NANA**, a segunda longa-metragem de Jean Renoir, com base no romance homónimo de Emile Zola, uma produção luxuosa que foi um fracasso na bilheteira mas que é que melhor resume, nesse período inicial, a arte genial do cineasta; e **BROKEN BLOSSOMS**, de D.W. Griffith, porventura o mais espantosamente febril melodrama do realizador, com um par – Lillian Gish e Richard Barthelmess – em absoluto estado de graça.

► Sábado [07] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE LAST COMMAND

A Última Ordem

de Josef von Sternberg

com Emil Jannings, Evelyn Brent, William Powell

Estados Unidos, 1928 – 104 min / mudo, com intertítulos em inglês | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Em Hollywood, um realizador (William Powell) dirige um figurante (Emil Jannings) num filme sobre a revolução bolchevique, em que o segundo é um general enfrentando as tropas revoltadas. Um flashback mostra-nos que ele interpretava o próprio papel, pois fora mesmo um general que a revolução destruíra, perdendo, inclusive, a mulher amada numa catástrofe ferroviária, enquanto o realizador fora um dos chefes da revolução.



► Quinta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BROKEN BLOSSOMS

O Lírio Quebrado

de D.W. Griffith

com Lillian Gish, Richard Barthelmess, Donald Crisp

Estados Unidos, 1919 – 95 min / mudo, intertítulos em inglês legendados eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

O mais famoso filme de Griffith ao lado de *THE BIRTH OF A NATION* e *INTOLERANCE*. Trocando a dimensão épica e espetacular dos primeiros por um lirismo exacerbado, *BROKEN BLOSSOMS*, à época considerado "a primeira genuína tragédia do cinema" (*Photoplay*), tem uma rara intensidade emocional, sublinhada por uma atmosfera visual que fez história. Foi a primeira experiência para cinema do fotógrafo Hendrik Sartov, responsável pelos planos de imagens difusas que tornaram célebre a fotografia do filme. Três interpretações inesquecíveis dos protagonistas. "The Chink and the Girl", retrato ímpar de um amor de luz de porcelana que suplanta o terror e a brutalidade no mundo de escuridão profunda.



► Sábado [28] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NANA

de Jean Renoir

com Catherine Hessling, Jean Angelo, Werner Krauss

França, 1926 – 150 min / mudo, intertítulos em francês legendados eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO

NANA, o mais ambicioso dos poucos filmes mudos de Renoir, é uma sumptuosa adaptação do magnífico romance homônimo de Zola, próxima do grotesco de Stroheim, cuja influência Renoir reconheceu explicitamente. Foi a última colaboração de Renoir com Catherine Hessling, que foi a sua primeira mulher e tem uma performance absolutamente extravagante no papel da cortesã parisiense de fins do século XIX.

ABRIL '26



viagem ao fim do mudo prossegue com mais três etapas, desta vez todas europeias. A "RUA SEM SOL" de G.W. Pabst, um dos grandes momentos do seu autor e também o último filme europeu de Greta Garbo; um ícone do "germanismo", SCHATTEN, espécie de súpula de várias vanguardas do cinema alemão dos anos 20, e uma reflexão sobre o próprio cinema enquanto bailado de sombras; e um filme francês, L'INHUMAINE, muito famoso no seu tempo mas depois bastante esquecido (à imagem do seu autor, Marcel L'Herbier), que entre outras coisas apresenta um espantoso trabalho cenográfico que se tornou também uma cápsula dos movimentos artísticos do seu tempo.

► Sábado [11] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DIE FREUDLOSE GASSE

Rua Sem Sol

de G. W. Pabst

com Greta Garbo, Asta Nielsen, Werner Krauss, Valeska Gert

Alemanha, 1925 – 96 min / mudo, intertítulos em alemão legendados eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Pabst concebeu DIE FREUDLOSE GASSE (literalmente "A Rua sem Alegria") como um olhar sobre a Viena dos anos posteriores à Primeira Guerra, marcada por enormes

dificuldades económicas e sociais e território propício para todo o tipo de oportunistas e vigaristas. É nestas "ruas sem sol" que Greta Garbo brilha, mesmo não sendo cabeça de cartaz, lugar que coube à vedeta dinamarquesa Asta Nielsen. Mas foi depois do filme de Pabst que Garbo seguiu para Hollywood, onde, cinco anos mais tarde, se lhe juntou uma figurante chamada Marlene Dietrich... À época, o filme sofreu diversos tipos de censura: cerca de 12 minutos de cortes, na Alemanha; supressão de todas as cenas com Werner Krauss na Áustria; na URSS o médico tornou-se um tenente americano e nos Estados Unidos quase todas as cenas com Asta Nielsen foram suprimidas.

► Quinta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SCHATTEN

Sombras

de Arthur Robison

com Alexander Granach, Fritz Kortner, Rudolf Klein-Rogge

Alemanha, 1923 – 90 min / mudo, sem intertítulos | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

Em SCHATTEN, como observou Georges Sadoul, "misturam-se o teatro, o Kammerspiel e o Expressionismo", ou seja, algumas das principais tendências do cinema alemão dos anos vinte do século XX, decididamente ligado às artes da vanguarda, mesmo em filmes destinados ao grande público. Como tantas vezes sucede em "filmes Kammerspiel", não há intertítulos

e a ação é contínua, concentrada num cenário único e numa única noite. Esta tem lugar durante um jantar oferecido por um aristocrata e a sua mulher, na presença de quatro pretendentes dela. Um "mostrador de sombras" fá-los ver o que pode acontecer se os pretendentes não deixarem de cortejar a mulher, confrontando-os por hipnose com os seus sentimentos mais calados. A digressão entre realidade e ilusão do portentoso chiaroscuro de SCHATTEN parte assim da encenação de uma projeção, em que a intimidade dos sentimentos convive com a pulsão erótica mas também com a sinalização da luta de classes de que a casa é palco.

► Quarta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'INHUMAINE

A Desumana

de Marcel L'Herbier

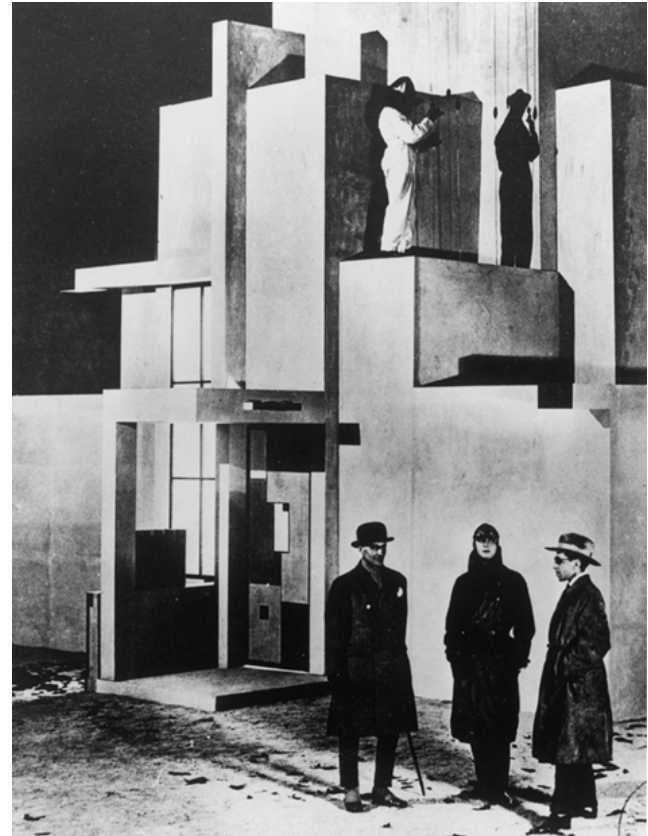
com Georgette Leblanc, Jaque Catelain, Marcelle Pradot, Philippe Hériat, Kiki de Montparnasse

França, 1924 – 122 min / legendado eletronicamente em português | M/12

ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR FILIPE RAPOSO

A estrela de Marcel L'Herbier empalideceu depois, mas no período final do mudo ele foi um dos nomes mais célebres e respeitados do cinema francês. L'INHUMAINE, "uma história féérica" sobre uma cantora de coração empedernido que despreza todos os homens que se apaixonam por ela (daí, "a desumana"), é um exemplo exuberante do alinhamento do cinema com as artes de vanguarda durante os anos 20. L'Herbier pensou o filme como um "preâmbulo" à grande exposição de Paris em 1925 que imortalizou a Art Déco, e confiou a concepção dos cenários e dos adereços à fina

flor das artes da época: Fernand Léger, Robert Mallet-Stevens, René Lalique, entre vários outros. Para uma cena de espetáculo num teatro, entre os figurantes na plateia constam Pablo Picasso, Ezra Pound, James Joyce, Erik Satie...





CONTINUA...